



AMÉRICO F. MARQUES

Livreiro Antiquário

R. da Misericórdia 52-1.º

Tel: 34977 Lisboa

N.º 6415

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

Brazil Illustrado

ARCHIVO DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Atelier artistico de Alfredo Pinheiro, rua Sete de Setembro n. 157

N. 1

PINHEIRO & C.—editores-proprietarios—RIO DE JANEIRO

1887



Brazil Illustrado, que ora apparece á luz da publicidade, é mais do que uma simples tentativa litteraria, é tambem o resultado de perseverantes

esforços e da unificação de dous pensamentos que de ha muito, cada um na sua esphera de accção, lutam por uma idéa, a qual nem por modesta, minima mesmo á primeira vista, deixa de ser muito util.

Ha quinze annos, quando pela primeira vez e pelo *Jornal do Commercio* procurei attrahir a attenção dos philantropos e do

Estado para um estabelecimento da maior benemerencia publica, que até então lutava com as mais serias difficuldades e por vezes estivera a ponto de desaparecer — o Lyceo de Artes e Officios —; no intuito de desenvolver e completar tão proveitoso estabelecimento lembrei a criação de algumas officinas, como preceituam os seus estatutos fundamentaes, e entre outras, procurei tornar patente como seria de grande vantagem uma aula de gravura em madeira, demonstrando o quanto desse ramusculo artistico depende o progresso da instrução popular.

Desde então, sempre que se me offerencia ensejo, voltava ao assumpto, tentando mesmo mais de uma vez levar a effeito uma publicação que auxiliasse essa propagauda; infelizmente faltou-me tambem sempre o principal elemento — os gravadores. Por diminutos em numero não podiam elles auxiliar-me efficazmente, porquanto tornava-se necessario um concurso quasi quotidiano, o que entre poucos seria por demais oneroso.

Em 1882 tive o prazer de ver o Sr. conselheiro Rodolpho E. de Souza Dantas, como ministro do imperio, decretar a criação de uma cadeira de xylographia, mas em vez de ser no Lyceo, como eu sempre pedira pela imprensa, e com verba especial para mantel-a com a maior largueza, S. Ex. collocou-a na Academia das Bellas Artes, em substituição á de gravura em medalhas que ali cahira em desuso.

Externel, e por mais de uma vez, a minha opinião desfavoravel a essa ideia e vaticinei desde logo o que de facto veio a succedor; desde que a nova cadeira era posta no mesmo nivel dos mesquinhos honorarios das antigas, tornava-se impossivel mandar contractar no estrangeiro um professor nos casos de fundar uma escola de gravura, e no paiz ninguem por certo satisfaria todas as condições de um bom concurso, foi justamente o que se deo.

A cadeira ficou vaga até agora, sendo afinal supprimida ou antes substituida por uma outra de perspectiva aerea e theoria das sombras.

Não cabe nos estreitos limites deste artigo, nem é esta occasião opportuna para entrar em considerações á respeito; mais de espaço e a seu tempo o farei no interesse desta mesma propaganda.

Emquanto por um lado e por taes meios eu procurava despertar entre nós o gosto por uma arte tão simples quão util, e que tão bella quão vantajosa carreira offerece á mocidade intelligente; por outro lado, o

Sr. Manoel Pinheiro trabalhava mais pratica e efficazmente em favor da nobre causa.

Ha muitos annos que este laborioso e intelligente industrial, dirigindo o seu bem montado estabelecimento de artes graphicas, applicava-se ao estudo da xylographia, já gravando letras e emblemas, já ensaiando processos de impressão e reproducção dos *clichés*; e como em taes casos soe acontecer; foi-se realizando em suas mãos o bello aphorismo mongolico — com o tempo e paciencia a folha da amoreira transfoimou-se em setim. — O amator fez-se artista tão consummado quanto póde ser quem na sua propria vocação tem o unico niestre; e o que nos primeiros periodos não passava de mero passatempo, tornou-se um amor predominante e com taes extremos que o levou não só a introduzir em seu estabelecimento officinas complementares de stereotypia e galvanoplastia, como a mandar á Paris um de seus filhos, o Sr. Alfredo Pinheiro, expressamente estudar e aperfeiçoar-se na arte xylographica.

Como aquelle operario de Cromarty, de que nos falla Smilles, que depois de juntar *specimen* por *specimen* colhidos inconscientemente nas pedreiras em que trabalhava, formou a sua primeira colleção e guiado pelo que lhe ensinavam os livros, sem auxilio de mestres, chegou a ser o celebre geologo Hugh Miller, assim o Sr. Pinheiro, applicando-se ao dezenho e á gravura, foi dia por dia accumulando elementos graphicos com os quaes ora enceta esta publicação.

A seu exemplo outros se foram applicando, quasi que pelos mesmos processos intuitivos, e pouco e pouco, assim se formou o pequeno nucleo de xylographos que já tem permittido a publicação de algumas obras illustradas, senão com maxima perfeição, pelo menos de fórma a satisfazer os menos exigentes; principalmente em relação á trabalhos technicos e didaticos. Alguma cousa pois já existe, o que cumpre é congregar essas pequenas forças, e no proprio interesse desses poucos, encetar a propaganda pela imprensa: — eis o principal objectivo desta publicação.

Comprehende-se, a vista do exposto, que não se trata de um periodico de grande formato, de apparatusas gravuras e aprimorados artigos, mas sim de uma pequena revista illustrada, assumpto por assumpto, feita com o concurso de todos, — escriptores e artistas — que levados pela mesma boa vontade que anima os dignes editores, nos queiram auxiliar nesta benemerita empreza.

E' um periodico de propaganda e consequentemente tem por fim desenvolver quanto

lhe caiba em posses, o gosto pela gravura e pelo desenho; assim pois, franqueando as suas columnas aos trabalhos litterarios, o BRAZIL ILLUSTRADO insta e espera merecer, de amadores e artistas igual collaboração graphica, á semelhança do que se pratica em outros paizes, como por exemplo Portugal, onde senhoras e cavalheiros da mais alta distincção esmaltam de primores as paginas das publicações congeneres desta.

Não é um periodico litterario este, na mais restricta acepção do vocabulo, mas como bem diz o sub-titulo — um modesto archivo de conhecimentos uteis, isto é: consagrado á boa lição de tudo quanto póde instruir recreando, especialmente em relação as cousas patrias, á historia, geographia, uso, costumes, flora, fauna, paisagem e obras d'arte do Brazil, como esbóça este primeiro numero.

Tencionam os seus editores dar esta publicação, por enquanto, duas vezes por mez, procurando sempre ser em dia certo, mas em todo o caso publicando 24 numeros em um anno; tempo pelo qual tomam o compromisso e o cumprirão com a seriedade que de ha muito estão costumados a servir o publico.

Estabelecida ha 35 annos e possuindo um dos mais completos estabelecimentos graphicos do paiz, nenhuma casa por certo se acha entre nós em melhores condições de emprender e levar por diante uma publicação desta ordem; e por conseguinte nos casos de desempenhar-se honrosamente de seus compromissos. Oxalá o publico, sempre generoso para com os cometimentos nobres, anime e proteja este tentame, que muito poderá ainda vir a fazer a bem da instrucção do povo e aperfeiçoamento das artes graphicas, senão tambem das bellas artes nas suas mais elevadas manifestações.

Convidado e conjunctamente o meu amigo Dr. Pires d'Almeida, para dirigir de accôrdo com os illustradores Pinheiro pae e filho, esta publicação, aceitei o gracioso encargo menos certo da minha competencia que da boa vontade com que dedicarei á modesta empreza os meus limitados conhecimentos litterarios e sentimentos artisticos.

FELIX FERREIRA.



A Escola Militar da Côrte

Martim Affonso de Souza, correndo a costa do Brazil, desembarcou no dia 1º de Janeiro de 1532 n'uma praia arenosa entre somontes Urca e Babylonia, e teve a idéa de ahi fundar uma colonia, idéa que abandonou, seguindo a sua róta para o sul. Por muitos annos foi esta praia conhecida pelo nome de « Porto de Martim Affonso, » e só mais tarde passou a chamar-se Praia Vermelha, naturalmente pela côr avermelhada das arêas. Em 1701 foi ahi construido um forte, que foi muito augmentado pelo 1º vice-rei do Brazil Conde de Cunha, D. Antonio Alvares, e consideravelmente desenvolvido pelo 3º vice-rei do mesmo estado D. Luiz de Almeida Portugal. Já em 1699 fôra creada na Bahia uma Escola de artilharia a architectura militar, começando com tres partidistas e depois em 1713 augmentada com mais tres.

No reinado de D. Maria I, sendo regente o principe D. João e ministro da guerra D. Rodrigo de Souza Coutinho, Conde de Linhares, mandou o mesmo principe, por carta régia de 4 de Dezembro de 1810, crear no Rio de Janeiro uma Academia de sciencias physico-mathematicas para instrucção dos officiaes que se destinassem ás differentes armas do exercito.

Nessa mesma data deram-se os estatutos da real Academia militar, que por decreto de 22 de Janeiro de 1811 foi mandada estabelecer no largo de S. Francisco de Paula, no edificio que fôra ha muito começado para igreja de S. Sebastião e Sé do Rio de Janeiro; sendo logo inauguradas as aulas, no dia 23 de Abril, em uma sala da casa do Trem, donde passou a funcção no largo de S. Francisco de Paula no dia 1º de Abril de 1812.

Os seus estatutos foram reorganizados no tempo de D. João VI por aviso de 26 de Dezembro de 1818, e mais tarde por decreto de 9 de Março de 1832 foi unida á Academia de marinha; da qual foi desligada por decreto de 22 de Outubro de 1833.

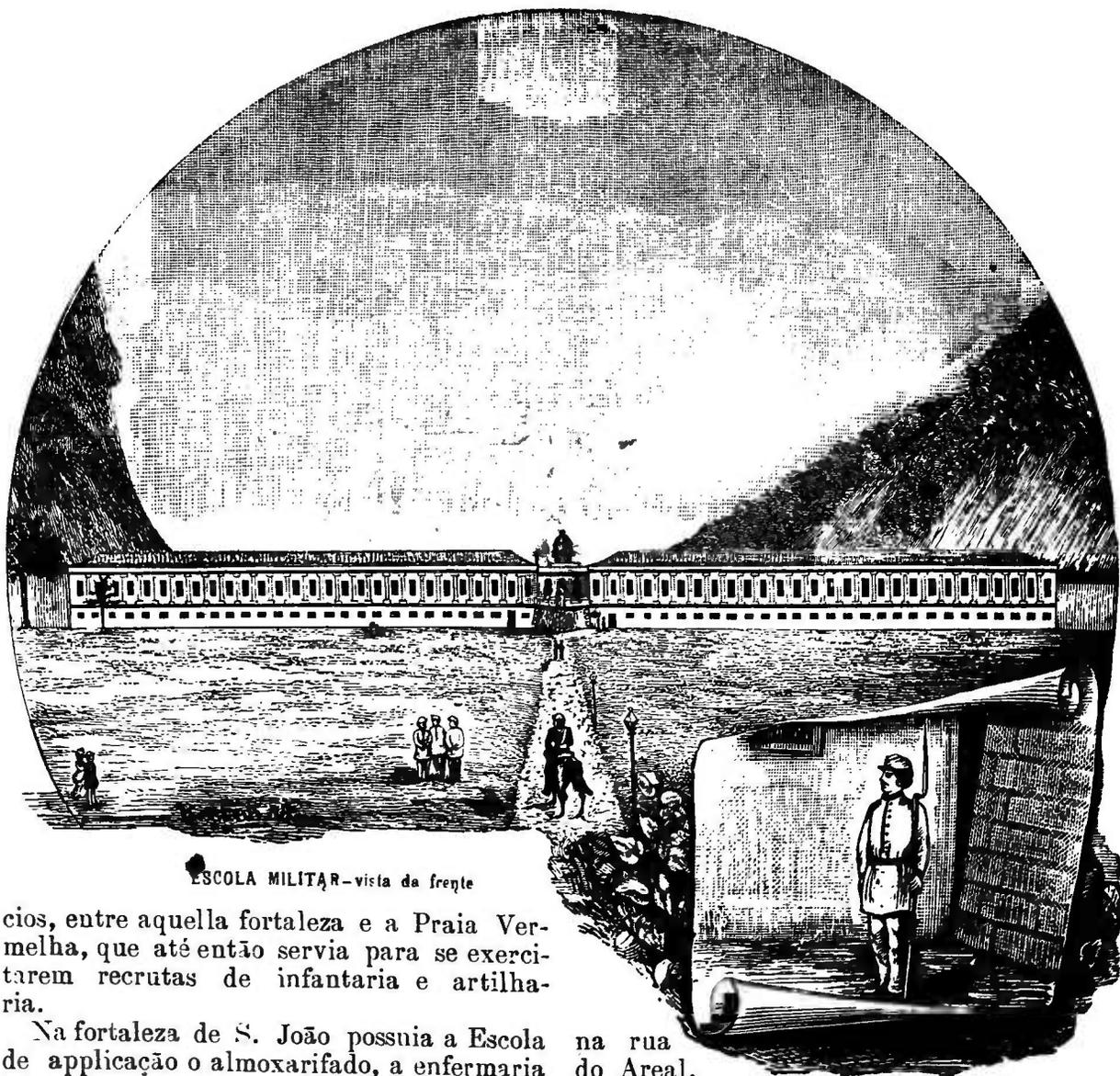
O seu regulamento foi ampliado pelos decretos de 3 de Fevereiro de 1834, 23 de Fevereiro de 1835, e pelos decretos de 14 de Janeiro e 12 de Fevereiro foi reorganizada passando a chamar-se Escola Militar; soffrendo ainda em 9 de Março de 1842 alterações, creando-se um observatorio, uma aula de geologia, e outra de sciencias juridicas sociaes, administração e legislação militar.

O regulamento de 1º de Março de 1845 creou o Imperial Observatorio Astronomico, que foi construido sobre as abobadas e muralhas da igreja, começada pelos jesuitas no morro do Castello, tendo por fim o ensino de astronomia aos alumnos da Escola Militar, e creando o mesmo decreto o grão de doutor e bacharel em sciencias phisicas e mathematicas.

Por decreto de 23 de Janeiro de 1855 foi creada a Escola de applicação para officiaes e praças de pret praticarem; e foi instalada na fortaleza de S. João, á qual se addicionou uma chacara com alguns edifi-

Com a criação da Escola de applicação foi alterado o curso de estudos da Escola Militar, desligando-se o 5º e 6º annos desta para aquella por decreto de 25 de Janeiro de 1855.

Pelo regulamento de 25 de Março de 1858 foi reorganizada a Escola Militar com a denominação de Escola Central, e a de applicação passou a chamar-se Escola Militar e de applicação, construindo-se para esse fim o actual edificio sobre as muralhas da antiga fortaleza da Praia Vermelha, mandando o governo desapropriar alguns predios adjacentes a ella e começando-se um picadeiro



ESCOLA MILITAR—vista da frente

cios, entre aquella fortaleza e a Praia Vermelha, que até então servia para se exercitarem recrutas de infantaria e artilharia.

Na fortaleza de S. João possuia a Escola de applicação o almoxarifado, a enfermaria de convalescente, o asylo de invalidos mandado fazer pelo marquez de Lages, e mais um edificio chamado do Salitre, junto da lagoa Rodrigo de Freitas, e uma cavallariça no campo da Acciamação, entre as ruas do Areal e Conde, no antigo quartel de cavallaria.

na rua do Areal.

Com a reforma passou a funcionar tambem uma aula preparatoria de mathematicas elementares.

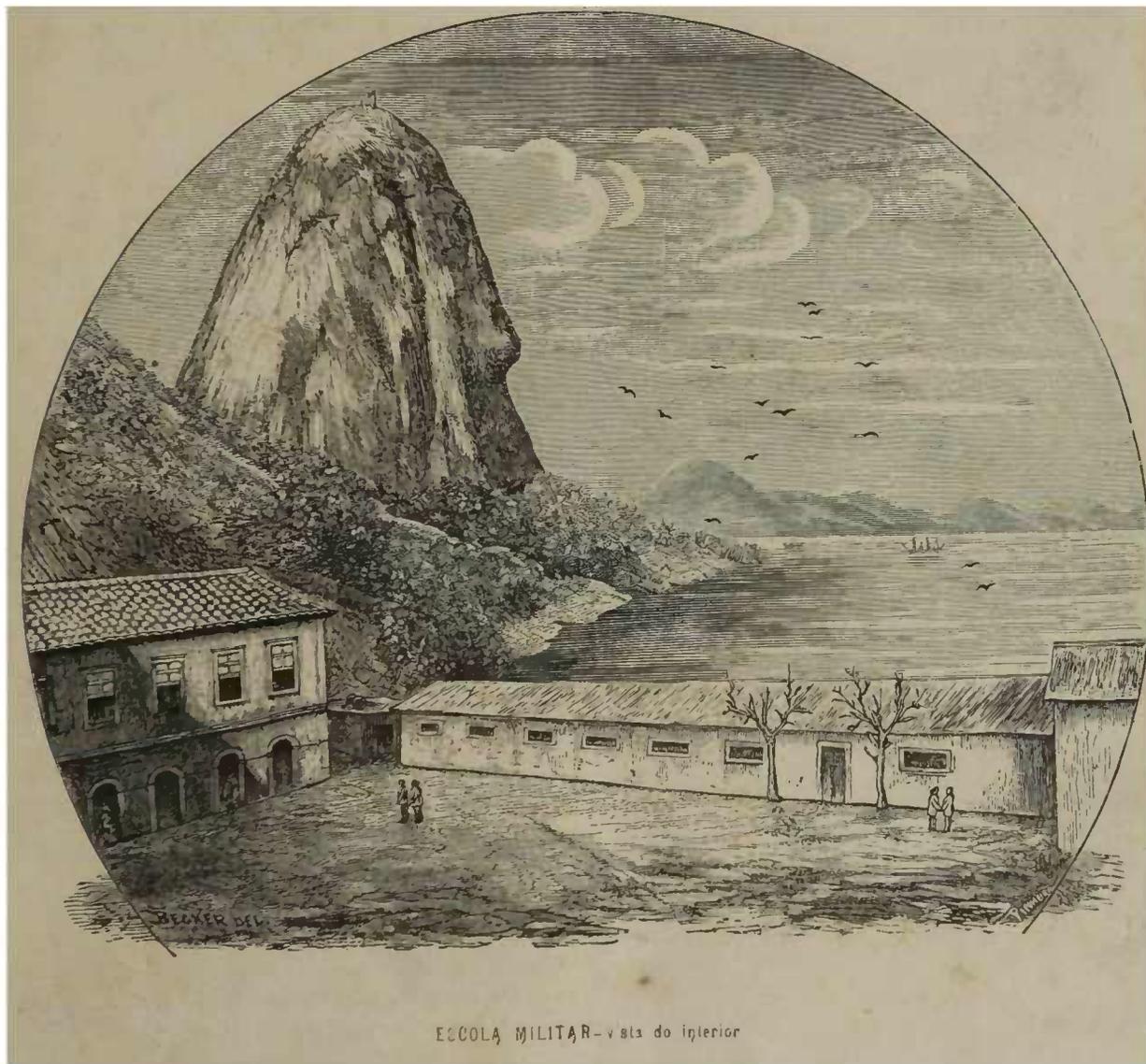
Em 1859 a Escola militar foi desapossada da fortaleza de S. João, ficando sómente com algumas casas e o terreno fóra da mesma fortaleza.

Em 10 de Julho de 1863 foi creada uma escola preparatoria annexa, cujo regulamento foi ampliado pelos decretos de 22 de Setembro de 1866, 22 de Agosto de 1871 e 17 de Janeiro de 1874, sendo por este decreto organizado o curso actual de cinco annos, ficando a escola central transferida para o ministerio do imperio.

De então para cá tem havido grandes melhoramentos, taes como a construcção de

No edificio principal acham-se: no andar superior os dormitórios e aulas, e no andar terreo uma ala do batalhão de engenheiros; cozinha, refeitório, arrecadações, lavatorios, sala d'armas e musica do corpo de alumnos, corpo da guarda, prisões e arrecadação geral do mesmo batalhão de engenheiros.

Encostados ao terrapleno do baluarte que olha o mar está a cavalharia, arrecadações de artilharia, cozinha e refeitório do ba-



ESCOLA MILITAR - vista do interior

uma aza do edificio principal, creação de corpo de alumnos, mudança de fardamento, construcção de uma torre com relógio, e uma arrecadação para artilharia e outra para generos do corpo de alumnos, bem como outros aperfeicoamentos que não cabe aqui enumerar neste esboço.

Os edificios formam um quadrilatero, tendo a um lado o edificio principal com a aza; no centro fica um pateo grammado e circumdado de arvoredos.

talhão de engenheiros. Fecha o quadrilatero um edificio onde funciona a administração, aulas, enfermaria e bibliotheca com cerca de 8000 volumes. Além desses edificios existem: uma arrecadação para generos do corpo de alumnos, caixas d'agua e um edificio em construcção. O baluarte do lado do mar está guarnecido de velhos canhões de ferro, montados em reparos de madeira.

TOBIAS BECKER.

PHYSIONOMIAS FLUMINENSES

CECILIA

Uma vez uma viuvinha...

Se, para fixar o verdadeiro sentido que dou á palavra *viuvinha*, eu fosse obrigado a tomar em linha de conta a presumpção e agua benta de todas as esposas que enterraram os caros companheiros das canceiras da vida, estaria ainda agora a patetear, sem rumo, sem norte.

Como a belleza do enunciado não está na confusão, mas — inversamente — na sua brevidade e clareza, fica estabelecido — muito embora a moda não pegue — que qualificámos de *viuvas* áquellas que passaram pelo duro transe de perder o esposo,—e *viuvinhas*, ás que tiveram a fortuna...

Perdão! não vou bem... e passo a explicar-me.

Viuva, quero eu dizer, é a *moça* que perdeu o marido depois dos quarent'annos; *viuvinha*, a que o *enviuvou* aos vinte. A primeira tem uma troça de filhos, todos resmelengos e tagarells; a segunda, apenas um... um unico, que esconde com receio de comprometter seus futuros planos. São ambas pobres: as viuvas ricas e bonitas são mais difficéis de encontrar na vida real que os mosquitos brancos. Sahem ambas á rua, com o mesmo proposito, o de *lograr* alguém, e com o coração cheio dos mesmos peccados... mas, a verdade seja dita, deixam os véos em casa.

Assim, pois: era uma vez uma viuvinha. E bonita. Chamava-se Cecilia. Cecilia? Se a memoria não me falha, era esse o seu nome.



Dotada de mais cabeça que coração, sabia dominar-se. Geralmente, quando as viuvas podem dominar-se, sabem fingir: quero dizer, preside a todos seus actos e

palavras uma especie de diplomacia machiavelica, baseada no *póde ser que sim, póde ser que não*.

Atirei-lhe a setta. Se a pontaria foi certa ao coração, não sei: ella, porém, rendeo-se.

Quizera pintar-lhes os primores d'aquella descommunal belleza, porque — como é facil comprehender — historizando os meus amores mais não faço que prestar homenagem a cada um desses anjos, que—por seus encantos e atractivos—torturavam-me outr'ora o coração; mas, para que? para que encher-lhes a bocca d'agua?

Querem soffrer? Escutem. Não é o marmore de Paros mais alvo que sua transparente cutis; não é mais fresca a rosa humedecida pelo orvalho, que seus perfumados labios. Jantem-lhe os cabellos pretos, curtos, ondeados, em mil caixosinhos, em gracioso atropêlo sobre o niveo collo, onde se destaca uma pintinha... Ai, que malvada pintinha!

E os olhos?

Seus olhos.. Não prosigo; peço oito dias para procurar na inteira natureza algum primor com que comparal-os. Não basta a palavra humana para exprimi-los.

Insisto no prazo pedido. Nesse entretempo, pedirei ás flores que abram seus calices á minha passagem, rogarei ao mar que desvie as suas aguas, aos passaros —que voem mais alto— que me revelem os segredos do espaço, porque nas alturas do céu, nos abysmos do mar, ou entre as flores mais bellas, eu encontrarei talvez uma pedra preciosa, o doce azulado de uma perola, o brilho de uma estrella, a luz de uma luz com que possa comparar aquelles olhos.

Em resumo: aquelles olhos são os rivaes... de si mesmo.

Adiante.

Encontrei-a uma vez seguida da mamãe,

Estas mamães, que acompanham as filhas, em passeio ou ás compras, são a arrelia dos *penantes*.

Não mais a perdi de vista. Ella n'uma calçada,— eu, n'outra. Entrou no armarinho do Leitão. Não desejando tornar me importuno por que as viuvinhas são sempre muito susceptiveis,— passei um pouco adiante, e entrei,—por minha vez no Castellões, collocando-me de sentinella ao queijo londrino.

Poucos momentos depois ella passou com um embrulhinho, pendido do dedo minimo por uma fita.

Perguntei-lhe com um movimento rapido se consentia que a acompanhasse. Seus olhos disseram *sim*, com muito gósto; e poderiam ter exprimido muito mais, porque aquelles olhos fallam... de amores.

Fiquei sabendo a casa da interessante viuvinha.

Estas reticencias não têm a maliciosa interpretação que os leitores lhe querem dar.

Entre o franco ataque em que caíi vencido ao encontro da honesta moça, houve uma pausa. Quinze dias se passaram sem que eu a visse; como, porém, não ha desgracia que sempre dure, regressando de uma visita de etiqueta, topei-a á janella.

Era esplendida a noite que presidio á nossa primeira entrevista. O céu e a terra pareciam combinados para protegê-la.

As estrellas, ciosas da minha felicidade, apagaram os seus lumes; em compensação, a brisa embalsamada pelo perfume das flores, que—em densa latada—escondiam-n'a aos poucos que ainda transitavam áquella hora, colhia nossas almas n'um só véo, lançando-as juntinhas n'um mundo de inefaveis delicias.

Aproveitando os primeiros momentos de sepulchral silencio, da mais admiravel tranquillidade, chamei-a á susto:

- Cecilia?
- Falle baixinho...
- Amo-te.
- Duvido.
- Teus olhos.
- Heim?
- Teus olhos captivaram-me.
- Não ouço.
- Teus olhos capt...
- Não posso ouvir...
- Teus olhos...
- Não grite assim: mamãe está na alcova.
- Teus olhos...
- Um pouquinho mais alto.
- Teus olhos...
- Teus, o que?
- ... olhos. Não ouvio, ainda? Teus olhos captivaram-me... teus olhos, como os raios vivificantes do sol sobre a florinha amortecida...
- Não ouço nada.
- Eu repto: teus lindos olhos..

Tendo parecido que ella ouvira finalmente, eu ia proseguir, animado das mais puras intenções e do muito amor em que me abrasava, quando atiram-me de cima dous litros de agua de rosas, que deixaram-me á tremer de... raiva.

--

D'ahi em diante, jurei nunca mais gostar de viuvinhas, vígiadas pelas mamães que distillam essencias, ainda mesmo que tenham os mais lindos olhos do mundo.

DR. PIRES DE ALMEIDA.



A marinha do Sr. Rouéde

A marinha que damos neste numero representa a entrada da barra do Rio de Janeiro e foi expressamente dezenhada pelo Sr. Rouede para o nosso jornal; é pois este talentoso artista o primeiro a acceder ao nosso convite, vindo graciosamente auxiliar-nos nesta empreza verdadeiramente artistica e litteraria.

E' uma inspiração de momento e não um estudo aturado do assumpto, mas quanto basta para pôr em evidencia a não vulgar intuição artistica do nosso distincto collaborador. O Sr. Rouede effectivamente é dotado de extraordinaria vocação para a arte e possui o que os antigos chamavam—o fogo sagrado.

Não queremos com isto dizer que o autor da marinha que orna este nosso primeiro numero, seja—um mestre—na accepção do vocabulo; não por certo, falta-lhe ainda muito para lá chegar, mas ha de chegar e com grande brilhantismo.

A gravura interpreta fielmente o dezenho, e neste ha bellezas que se descobrem a primeira vista. O *chaveco* que de velas enfunadas parece desafiar as iras do mar alto, está bem talhado e os dous tripolantes são perfectos typos dos negros que, em larga escala, foram outr'ora empregados na nossa navegação costeira, e que com a extincção do elemento servil vão desapparecendo.

Em geral o negro é avesso ás lides do mar, e só forçado pelo captivo, a ellas se entregava; por isso, á proporção que se vae libertando acolhe-se á terra que é o seu elemento unico, d'ahi o despovoamento dos pretos, que ora se nota, na pequena navegação. O dezenho do Sr. Rouede fica aqui pois archivado como um apontamento para a historia dos nossos usos e costumes; e poderá servir para no futuro dar idéa do systema de transporte da pequena lavoura por via maritima, que ainda actualmente empregamos, mas que tende a desapparecer breve.

F. F.



ENTRADA DA BARRA DO RIO DE JANEIRO - Marinha, de Rouéde

VARÕES ILLUSTRÉS

D. JOÃO VI

Finaugurando a nossa galeria de illustrações e benemeritos do Brazil, somos apenas justos offerendo aos leitores o retrato do principe que, com mão generosa, e despreocupado de pequenas rivalidades e ciumes entre povos, que fallam o mesmo idioma, lançou á terra próspera os germens de uma brillante nacionalidade, os alicerces de um grandioso edificio social, pois— a despeito de tudo o Brazil virá a ser o fóco irradiante do mais longo e bello periodo da civilisação. Objectam os refractarios á monarchia que D. João VI nada fez, e que tudo quanto levou-se a effeito foi obra dos homens que o rodeavam; é certo, mas tambem não é menos certo que nem esses homens estariam a seu lado e elle não quizesse, e muito menos o Brazil ter-se hia convertido—de colonia—em centro da metropole, se essa não fosse a sua soberana vontade, e vontade que — como rei absoluto—não podia ser contestada.

Desde que, aportando á Bahia, ouviu attentamente o que lhe affirmava um brasileiro, para elle desconhecido, e compenetrou-se tanto do seu conselho que — immediatamente—decretou a franquia dos portos, o bondoso principe deu mostras de haver comprehendido os destinos que aguardavam a sua até então abandonada colonia.

Ao chegar ao Rio de Janeiro só teve uma preocupação: constituir novo reino para a sua dynastia, nova patria para a lingua portugueza; e a serie de medidas, que decretou, com o fim de organizar uma côrte completa com todos os ramos de administração publica, prova até a saciedade que aquelle era o seu unico objectivo;

tanto mais quanto é sabido que, se voltou ao antigo reino, fel o constringido, quasi á violencia; velho, cansado e cheio de desgostos, não teve forças para resistir. Debalde olhou em torno de si, não vio homens bastante fortes para auxiliá-lo no remate da grande empreza; e foi só então que, partindo, disse ao filho estremecido: *Vela por esta terra, que tanto amamos, e — antes que algum aventureiro della se a posse — assegura para ti a nova corôa.*

Nesta phrase, que regou com as mais sentidas lagrimas deixava escapar a intenção que sempre nutria,

de fazer do Brazil imperio, e constituir-se o seu primeiro imperador, como de direito ainda procurou ser quando — no tratado preliminar de reconhecimento de nossa independencia — reservou para si esse titulo.

Foram muitos os serviços prestados por D. João VI ao Brazil: em trabalho de maior



D. JOÃO VI

folego os inventariámos, ainda que sumariamente

Como jornal artistico, o *Brazil Illustrado* estampa hoje o retrato do benemerito rei fundador da nossa dynastia reinante, por ser tambem o fundador da Imperial Academia de Bellas-Artes, de cujo seio tem sahido a pleiade de artistas notaveis, que engrandeceu e engrandeca o culto do bello nesta parte do mundo civilizado.

A' colonia artistica, vinda da Europa por conta e ordem do illustre principe, não foi dado fundar—ainda sob a fulgente egide de tão magnanimo protector—a *Escola de desenho e pintura*, conforme estava projectada; mas—desde logo—lançou os primeiros lineamentos da instituição, mandando dezenhar

D. João VI — rei de Portugal e dos Algarves, e imperador titular do Brazil—Elogio-historico, pelo Dr. Pires de Almeida, edição commemorativa de 2 de Dezembro de 1885.

retratos e vistas, paizagens e decorações, que excitaram o enthusiasmo publico por tão nobre ramo dos conhecimentos humanos.

Foi ainda em seu benefico reinado que fundou se a Imprensa Régia, o primeiro estabelecimento graphico que funcionou tão completo no Brazil, pois—além da typographia—possuia tambem uma officina calcographica, dirigida por habilissimo mestre de gravura em cobre, como demonstram os trabalhos que ali se fizeram, e dos quaes ainda existem as respectivas chapas originaes.

A justiça da historia ainda não fez soar a hora da reparação para este principe: razão pela qual—no Brazil—não tem elle o mais simples testemunho de gratidão do povo, do qual—aliás—é grande credor.

DR. PIRES DE ALMEIDA.

SCIENCIA NO LAR

Quando entrei no jardim, Lulú acabava de colher as ultimas flôres para o ramallete que ia offerecer a uma camarada de collegio, cujo anniversario celebrava-se nesse dia.

— Bons dias, doutor: disse-me ella.

— Bons dias, quegadinha: repeti.

— Achta bonitas estas flôres?

— Como achal-as feias se vossé as escolheu!

— Pedí-lhe cumprimentos para miúdas flôres, e não para mim.

— Nesse caso, acho-as tão lindas como a dona.

— Falle serio.

— Não estou rindo. Realmente! a corolla desta rosa, por exemplo, é tão fresca quão perfumada.

— O que disse?

— A corolla.

— O que é corolla?

— O conjuncto das petalas, ou — mais claro ainda — das folhas coloridas, que — para vossé — constituem a flôr.

— Para mim?! Então, para o senhor, isto não é a flôr?

— Para mim, não; porque não o é tambem para a sciencia.

— Que sciencia?

— A botanica.

— O que é então a flôr?

— Vê, no meio das petalas, esses pequenos corpos amarellos que cercam um filamento alongado?

— Sim,—vejo perfeitamente.

— Pois bem, estes corpusculos de forma variavel, porque a forma varia com a especie,

constituem propriamente a flôr; as petalas, cuja junção denominamos *corolla*, são apenas o berço da flôr.

— E eu que ignorava.

— Não core disso; ha muitas pessoas nas suas condições, quando—aliás—com pequeno esforço e um pouco de boa vontade—poderiam ter noções el mentares de botanica e de medicina domestica, tantas quantas bastassem para distinguir as plantas, suas familias e principaes generos, sua utilidade, applicação, etc.

— Se eu pudesse aprender...

— É sem custo, bella menina. Antes que se arrependa, comecemos. Botanica é o ramo da historia natural que ensina a conhecer os vegetaes, e a descrevê-los e classificar-los.

Os vegetaes são seres organizados e vivos; tão fracos alguns que o insecto mais pequenino é — para elles — enorme peso, ao passo que outros são tão fortes e robustos que resistem aos mais violentos vendavaes.

Para bem conhecer a botanica, ou — melhor ainda — para a boa direcção e aproveitamento do estudo dessa sciencia, que parece talhada para as moças bonitas, deve procurar-se primeiramente conhecer as plantas communs, que nos cercam, cultivadas de preferencia em os nossos jardins, nas chacaras: conhecidas estas, por analogia conhecem-se facilmente as outras.

Do capim da Angola, por exemplo, tão commum e tão conhecido, facil é conduzir-nos o estudo ao trigo, seu primo, o qual fornece — como a menina não ignora — a bella farinha que o padreiro transforma em saboroso pão; á sua prima, a canna

doce, cujo caldo agradável fornece o assucar; ao outro primo, o milho, com o qual se prepara uns bolinhos, cuja fórmula proporcionarei à menina no dia em que classificar uma flôr à primeira vista; ao outro primo ainda, o arroz; etc.

Ah! cá está uma margarida no seu ramalhete; pois bem, por analogia, indicada pelos mestres, chegaremos ao estudo de plantas da mesma família, que é numerosíssima: a dahlia, o gyrasol, a sempre-viva, a alface, a chicorea, a alcachofra, etc.

Estamos na horta. Naquelle canteiro, confiado aos seus cuidados, sobresahem os pés de salsa; as mesmas regras de observação hão de revelar-nos os laços de parentesco com o aipo, que também allí está, com o cerefolio, com a herva-doce, com a cenoura, etc.

A herva-moura, com suas pequenas flôres, seus fructinhos pretos, lembrará a planta que dá a batata ingleza, a trombeta, a belladona, a figueira do inferno, etc.; mesclando quasi sempre o util com o agradável, isto é, a flôr com o fructo.

A camelia — quem o dirá?! — é prima-irmã do chá, — a malva, do algodão; o lupulo é primo do cabano, — e o quiabo, daquelle mesmo algodão; a rosa é mui proxima parenta do pecegheiro, da amoreira, da macieira, etc.; a pitanga é irmã do jambo, do cambucá, da jaboticaba, e de muitas outras fructas.

Estes simples exemplos, interessante Lulú, mostram quão agradável e util é o estudo da botânica, e — mais ainda — que só botanisando pôde chegar-se a ser botânico.

— Permite-me uma pergunta?

Faça-a com franqueza.

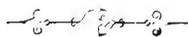
— Não se zangará comigo?

— Não tenho esse direito. Constitui-me espontaneamente seu mestre, e devo-lhe docura e paciência.

— *Botanisar* é correcto?

— Porque não? Ha *botanographia*, *botanographo*, *botanologia*, *botanomancia*, *botanogapho* e *botanophilo*: porque não crearei também *botanisar* desde que o vocabulo exprime perfeitamente o meu pensamento?

DR. PIRES DE ALMEIDA.



Em 1723, segundo Baena, ou em 1725, segundo o capitão-tenente Amazonas, foi o rio Madeira conhecido pela primeira vez, até a parte superior das cachoeiras. Era então governador do Pará o general João da Maia Gama. A noticia recebida de alguns individuos que se davam ao trafico de indigenas, de que ácima das cachoeiras haviam habitações de gente branca que se suppunha hespanhola, motivou a primeira expedição que ordenou aquelle general, ao mando de Francisco de Mello Palheta.

IVAHY

Trecho da *Monographia* sobre a Evolução Paranaense. Obra inédita pelo Dr. Páu Brazil.



SHEREZINA ou freguezia de Santa Thereza. — A ex-colônia Thereza foi fundada em 1846, por ordem de Sua Magestade a Impratriz, com a condição de nunca haver allí esciavisados, pelo finado Dr. Faivre, um distincto medico francez, que levou consigo para os sertões do valle do Ivahy, um grupo de immigrants francezes e belgas.

Tal é o começo deste nucleo, que passou a freguezia pela lei n. 274 de 12 de Abril de 1871.

Therezina dista da cidade de Guarapava, pela estrada velha e intransitavel que passa pelo toldo das *Marrecas*, 92 kilometros ou 13 leguas e 3¼.

Dista da cidade de Ponta Grossa, por uma estrada muito menos acidentada que a precedente, cortada de pinhaes e campestres em abundancia, 21 leguas.

Em fim, entre esta freguezia e Coritiba, medem-se 200 kilometros ou 30 leguas e 3¼. Actualmente Therezina retrográda de um modo espantoso.

Este phenomeno é devido aos pessimos caminhos, que ligam tão importante localidade aos centros populosos e á incuria do governo.

As casas da freguezia, construidas na sua mór parte com pedra e cal, algumas dellas até caiadas, hoje estão em ruinas e outras vão-se lentamente desmoronando.

Posição. — A freguezia de Theresina está situada á margem direita do rio Ivahy, no ponto onde o rio Ivahysinho faz barra.

Latitude austral 24° 34'
Longitude oeste 53° 45' (de Greenwhich)
Altitude 482 a 480^m

Clima. — Clima temperado. Nos fins de Janeiro e no começo de Fevereiro de 1884, quando lá estive, a temperatura elevou-se, entretanto, de 80° a 90° Fahrenheit.

Formação geologica dos terrenos. — Camadas de schistos, ferro, cobre, sal-gemma, argilla, grés ferruginosos, marmore e calcareos, que elevam se em altos paredões verticaes nas margens do Ivahy, perto de Therezina; finalmente, rochas vulcanicas de trachytos, que formam a base dos saltos, corredeiras e rapidos. Existem terrenos de

alluvião, formando uma extensa zona alagadiça, na foz do Ivahy

A vegetação característica consiste principalmente em piulheiros, nas elevações e palmeiras, palmitaes, etc., nas regiões baixas.

Agricultura. — A qualidade excellente das terras produz, com abundancia, a canna de assucar, o milho, o feijão, a banana, a laranja, o limão, excellentes pecegos, uvas, figos etc. Fabrica-se alli a guardente, mel, rapadura, que os habitantes vendem para Guaruapuava, Mangueirinha, Palmas, Ponta Grossa e Cupim.

Industria. — Cal hydraulica, que é exportada para o Cupim, Guaruapuava e Ponta Grossa.

A arêa extrahida das margens do Ivahy é transportada para aquêlles centros commerciaes.

População. — Mil e tantas almas, que vivem em habitações ao longo do rio Ivahy. Na freguezia, só se contam umas cem pessoas.

Em Theresina existem apenas duas casas de commercio ou melhor duas pequenas vendas: a do francez *Petit-Jean* e a do portuguez Manoel Caetano, importante fazendeiro do lugar.

Rio Ivahy. — (*Uba-hy*, o rio das cannas bravas) é habitado, ao longo de suas margens, desde a *Barra Vermelha* até Theresina e desde Theresina até a barra do rio S. Francisco, tres leguas abaixo da freguezia, onde se acha o toldo dos bugres Coroados.

O rio Ivahy nasce na serra da Esperança, onde toma o nome de rio dos Patos e faz barra no rio Paraná, onde tem 300 metros de largura.

Suas aguas rolam sobre um leito de pedras, lageados e pequenos seixos rolados. Este rio é muito piscoso e contém, na composição das rochas de seu leito, muitos saes de cobre, prata, ouro, ferro, carbonato de calcio (pedra calcarea), marmore, quartzo, etc.

A temperatura das aguas do rio Ivahy é de 30° centigrados.

Segundo os engenheiros Keller, pae e filho, o valle do Ivahy é limitado a OE e SO pelas serras que formam o divisor das aguas entre o Ivahy, o Iguassú e o Piquiry; a E e NE pelas que estabelecem igual divisa para o Tibagy e Paranapanema.

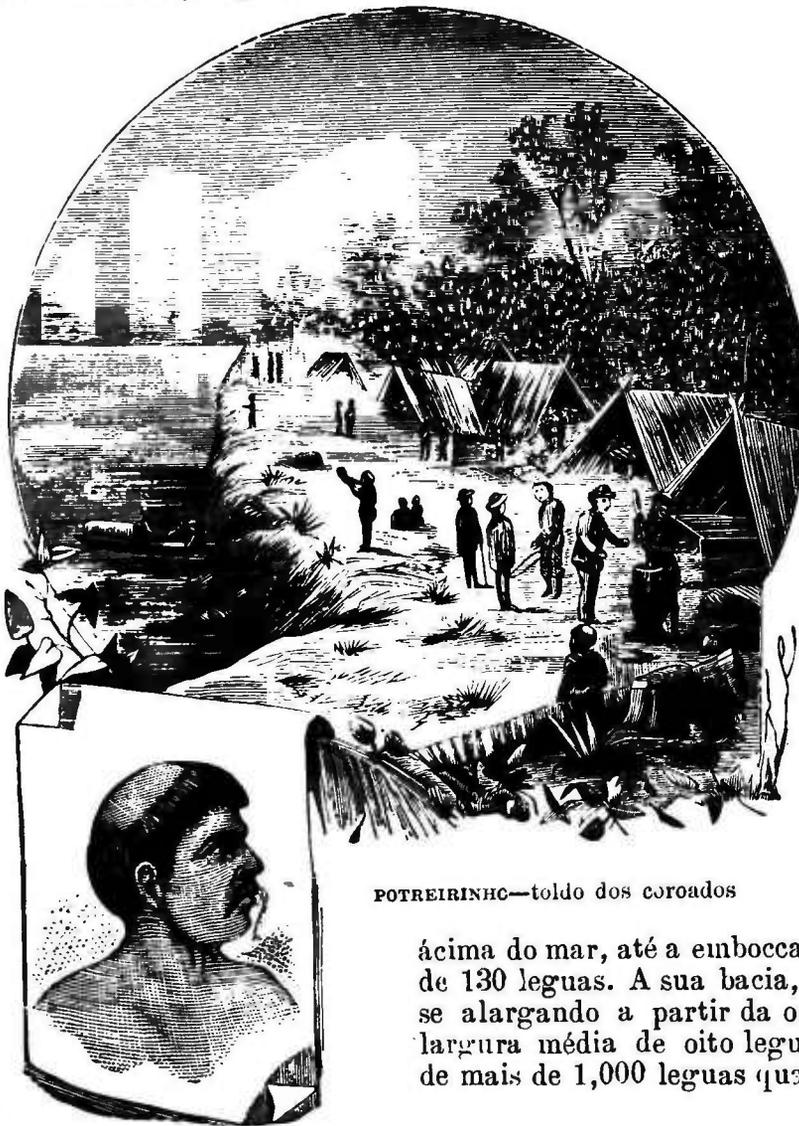
O desenvolvimento do rio Ivahy, desde as suas nascentes, que estão de 900^m a 1,000^m

ácima do mar, até a embocadura, é de cerca de 130 leguas. A sua bacia, que vae sempre se alargando a partir da origem, tem uma largura média de oito leguas e a superficie de mais de 1,000 leguas quadradas.

Indios coroados. — Esta nação de indios é chamada Coroados pelo seu costume de cortar os cabellos, como os frades franciscanos.

Viviam, a principio nos suburbios de Theresina; porém, como soffressem dos antigos colonos uma guerra constante, retiraram-se lentamente diante da civilisação e hoje acampam a seis leguas daquella freguezia, no lugar denominado *Potreininho*.

Este toldo, sito á margem direita do Ivahy, á seis leguas ácima da freguezia, foi por mim visitado em companhia do meu amigo o



POTREIRINHO—toldo dos coroados

Sr. professor publico de Therezina, Paulino E. de Freitas, um fluminense illustrado e talentoso, a quem, deste logar, agradeço cordialmente a hospitalidade que me deu em sua residencia.

A gravura da pag. 12 representa a nossa visita aos bugres do *Potreirinho*.

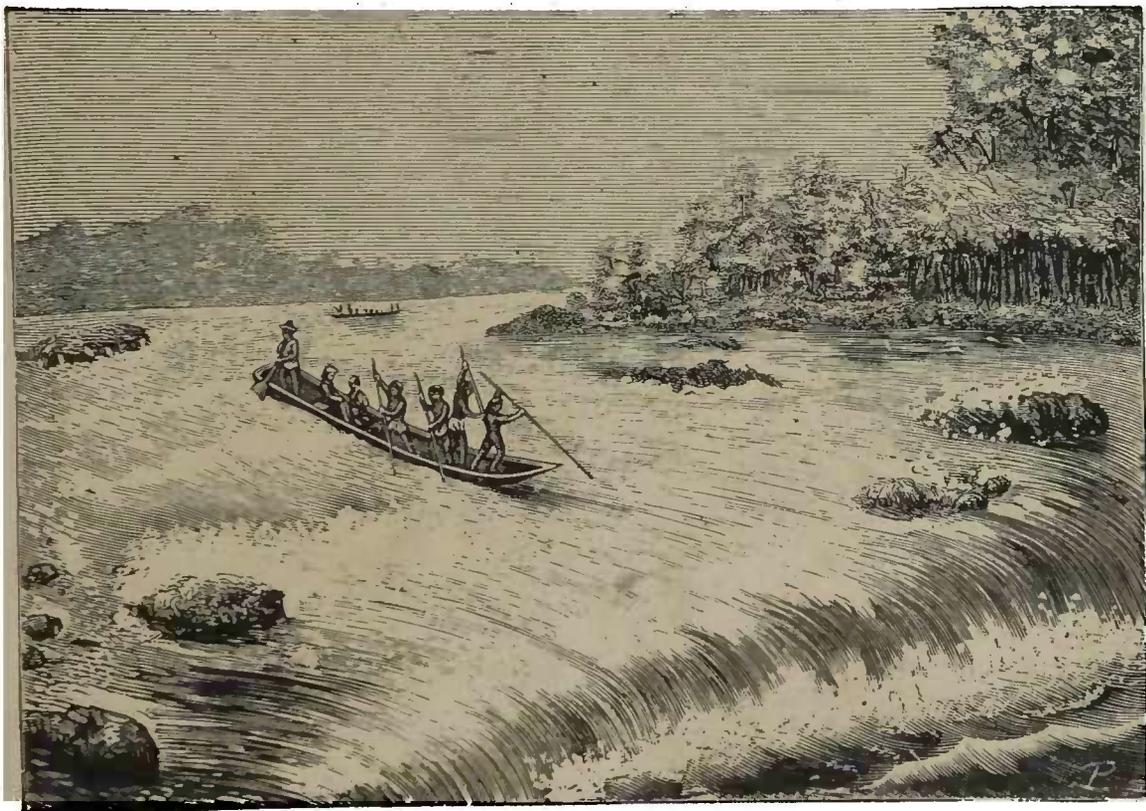
Habitam os Coroados em cabanas de palmeiras, a 300^m d'agua. Em ambos os lados, estendem grandes cascas de arvores, as quaes servem de assento, mesa e cama, ao mesmo tempo.

Ahi dormem enfileirados, com os pés para o lado do fogo e sem distincção de sexo.

Quando estes fiéis animaes morrem de fome, os bugres lamentam-n'os e os choram, como se houvesse morrido um parente dos mesmos indios.

Costumam fazer o primeiro casamento, quando apparece um astro junto á lua. O genro deve acompanhar ao sogro e á sogra. Do contrario, ficará elle sem mulher. Esta passará a outro, que se sujeite ás condições dos paes da mulher.

Quando a esposa fica um pouco velha, é trocada por outra mais nova, a qual muitas vezes é a propria filha. A esta, a mãe, a antiga esposa, é obrigada a servir como escrava.



UM SALTO NO IVAHY

Ao primeiro canto do gallo, levantam-se e vão lavar-se no rio. Comem caça, fruta, milho, feijão, etc. Do milho fazem uma qualidade de pão; apodrecem o milho, secam-n'o, o amassam com as mãos e cuspo. Formam uma roda para assar o pão na cinza.

Gostam muito de armas. Fazem arcos com o pão de guaiuva, todo enleado com a casca de imbê. Flechas de dous metros, com farpas de ossos de macaco e de ferro, assim como businas de taquara ou guampa, são pelos bugres muito usadas.

Gostam muito de cães, aos quaes não dão de comer, para que não fiquem preguiçosos.

Os que se distinguem na guerra e na caça tomam duas ou tres mulheres. Chamam-se *Turumany*, que significa valentes.

A industria destes selvagens consiste em tecer uma trama grossa, feita com os fios da urtiga grande (*uafé*).

Esses tecidos são executados sobre os joelhos das mulheres.

As indias pejadas não comem carne. Alimentam-se de palmito, fructas, etc., para engordar o filho. E' rarissimo morrerem de parto.

Os coroados copulam *ad instar animalium*.

Usos e costumes. — Combates simulados, enterrarem-se uns aos outros, na lama,

queimarem-se, lutarem ou treparem nas mais altas arvores.

Por qualquer cousa fazem muita algazarra.

Viajam de cinco a seis leguas por dia, as pernas cobertas com o couro de porco selvagem, amarradas com o cipó imbê.

Quando adoecem, apertam o corpo com as cordas de imbê e deitam, embaixo do doente, desde a cabeça até o grosso das pernas, umas ervas sobre brazas, para haver fumaça. Sentam-se, de um lado, as pessoas encarregadas de fazer os remedios e do outro, um homem ou uma mulher das mais velhas continuamente assopra sobre o corpo do enfermo. Quando a molestia se aggrava, começam as mulheres a chorar em altos gritos até melhorar ou morrer o paciente.

Logo que morre este, é levado para a sepultura por tres homens, envolto em *curi*.

Os indios collocam na cova folhas, armas, pennas etc. e um tição de fogo.

As mulheres vão carpir na sepultura durante oito dias: ao romper da aurora, ao meio dia e ao pôr do sol.

Bebem o milho soccado e o pinhão, depois de mastigarem-nos com a bocca, para mais depressa fermentar. Misturam-nos, depois, com o mel de abelhas. Forma-se então d'ahi uma bebida embriagante, pouco agradável, a que denominam *aquiqui*.

Oito dias depois do enterro, a um signal de busina, reúnem-se em casa do morto, com os corpos pintados de preto. Sentam-se em redor do fogo, ficando por detrás d'elles as mulheres. O cacique canta em louvor do morto. As mulheres choram. Os homens comem e bebem *aquiqui*. Repentinamente levantam-se todos, cantando e dançando em torno do fogo, com passos certissimos e um cacete na mão. Quando alguma mulher se embriaga, serve de zombaria para as outras. Depois de bebados, sujos, correm para o rio e lavam-se.

Eu assisti a um *fandango* dos bugres do S. Francisco. Beberam, nos intervallos do canto muita cachaça, a que denominam *Goio-Fá*. Cada vez que cantavam e dançavam, havia um novo thema descrevendo as façanhas da tribu. Ora, era, o *nhon*, *nhon tercá*, matar a minhoca; ora, a morte da anta ou do tigre, o que esses honrados bebados cantarolavam.

Conservam as cabanas simplesmente até ficarem estas inhabitaveis. Achan mais facil queimá-las do que limpá-las.

Em cada choça ha dous indios, que as governam.

As festas destes selvagens é no tempo do milho verde.

Admittem uma divindade, a que chamam *Tupan* e um ente malfazejo que elles denominam *Acritio*. Chamam a trovoadá, *deus bravo*.

Para os coroados, Deus é ora o sol ora a lua. Outras vezes, quando se lhes pergunta: o que é Deus: Respondem *Saquigetedi*, nada sei a este respeito.

Os indios velhos são difficeis de sujeitar-se á catechese.

Os bugres gostam da gente civilisada, só por interesse.

São inclinados ao roubo e ao homicidio. Existe entre os coroados um dialecto.

Ruinas de Villa Rica.—Dista de Therezina 42 leguas. Existem neste trecho do Ivahy, 64 saltos e corredeiras. Restam apenas os alicerces das casas deste povoado pertencente á antiga provincia de Guayra (Vide pag. 1).

Vem-se ainda os vestigios das ruas. Em plena floresta descobrem-se signaes de forno de telha, barras de ferro. E' ahi que se acha o leito da corredeira do cobre. Fabricam outro'ora os jesuitas, em Villa Rica estabelecidos, dous sinos. Um destes sinos foi levado para a Sé de S. Paulo, onde ainda se acha hoje e outro ficou na propria Villa Rica.

O ex-official de marinha, Sr. Nascimento, habil e activo explorador de minas, enviou em Janeiro e Fevereiro do anno de 1884 uma commissão á Villa Rica, afim de estudar e explorar a corredeira do cobre. D'ahi enviou á Therezina a mesma commissão uma magnifica amostra daquelle metal.

O eminente francez Gastavo Rumbelsberger, ex-director da colonia Thereza, foi á Villa Rica, com um itinerario á mão e conseguiu descobrir, nas ruinas da igreja de Villa Rica, apenas a caveira com os dentes do jesuita, fundador desta redução, onde hoje só existem bananeiras e laranjeiras azedas.

Synthese e Conclusão.—O valle do Ivahy pela sua fertilidade geologica e situação geographica e estrategica, está destinado a um futuro esplendido.

Essa zona occidental, onde o terreno se eleva com o excessivo pendor ou apresenta depressões profundas, tam sido explorada e visitada pelos engenheiros finado Antonio Rebouças, José e Francisco Keller, Lloyd e outros, que projectaram linhas ferrea, as quaes, atravessando essa região privilegiada, estabelecessem a famosa communicação entre Matto Grosso e a provincia do Paraná.

Tambem os engenheiros capitão Palme e Tourinho (fallecidos) e Dr. André Rebouças

discutiram largamente sob o ponto de vista tecnico e industrial, se devia ou não passar, pelos valles do Ivahy, do Tybahb e Paranapanema, do Piquiry ou do Igussú, o traçado de uma estrada de ferro interoceânica, que levaria ligar a magnifica bahia de Paranaguá no Atlantico de um porto da Bolivia ou do Perú, no Pacifico.

Estudaremos este importante assumpto, algures; quando tratarmos da historia do povoamento e Evolução da engenharia, no Paraná.



I

O pedinte para as almas

Como este, vão desaparecendo, levados pela onda da civilização, muitos typos da nossa sociedade que bem mereciam o lapis de um Callot: e muito é para lastimar que os nossos escriptores tenham deixado que elles desapareçam na voragem dos tempos sem ao menos descrevel-os fielmente para lição do futuro.

Em uma das suas mais applaudidas comedias o nosso Penna, immortalizou o *andador das almas*, mas, infelizmente, si o moral é tão exacto quão chistosamente photographado o physico não o pôde ser pois isso pertence à *mise en scene*, que copia fielmente do original quando se trata de contemporaneos ou das gravuras quando se refere as gerações passadas. Ora o *andador das almas* que ainda hoje pôde ser imitado de um ou outro raro *specimen* que resta por alguma parochia suburbana, dentro em pouco desaparecerá completamente.

O *pedinte para as almas* em geral é um sujeito magro, ossudo, cara de sachrista ou badalador de sinos, hebedor de aguardente e comilão. Vive da credence popular, — «pede para as almas benditas que estão no purgatorio» —; incongruencia que só elles sabem explicar ou antes que não sabem, até mesmo porque ninguem lhe pergunta.

Os distinctivos da profissão, são — opa verde, *bacia* de prata na mão direita e vara, tambem de prata, na esquerda, — as vezes addiciona-se um lenço de tabaco, que serve para limpar o nariz e cobrir a cabeça quando chove ou faz sol

O typo que o nosso inteligente desenhista apresenta, é um tanto falsificado, ou pelo menos não é — industria nacional —. é portuguez, e por isso tem a barba inteira, cerrada e ponteaguda. O brasileiro, o legitimo, com a marca registrada, tem a barba falhada e o pescoço comprido.

O dia de pedir para as almas é o da segunda-feira, não sabemos se por determinação canonica ou praxe do officio; o certo é que dahi é que vem chamar-se — segunda-feira das almas —. ao primeiro dia da semana.

Outr'ora cada parochia punha nesse dia à rua um ou dous pedintes; no de finados porém aos effectivos acrescia enormissimo numero de extraordinarios, que ás portas dos cimiterios e das igrejas salteavam os cidadãos por todos os lados. Uma ordem, cremos que do Dezembargador Sequeira, quando chefe de policia, prohibio expressamente essa emmissão de pedintes extranumerarios no dia 2 de Novembro.

Mais tarde, outra ordem policial só permitio que pedissem para almas os mesarios das irmandades, e estes, que em geral eram negociantes, illudiam o regulamento mandando os caixeiros em seu lugar. Com o tempo desapareceu este costume.

Na *classe*, como em todas as outras, havia tambem suas celebridades e entre estas passava por *primus inter pares* o famoso Chico Cambraia, grande cantador de modinhas e tocador de viola, de quem algumas ve-lhinhas ainda hoje se lembram com muitas saudades.

Chico Cambraia era um mulato, fóra do typo commum dos pedintes, além de gordo nada tinha de hypocrita, era abertamente pandego. Pedia para as almas bem como para todos os santos e santas do paraiso celeste, com certo amaneirado pachola, entre beato e galhofeiro. Subia desembaraçadamente as escadas ou entrava nos corredores, pedindo em voz bem alta e arrastada, e quando lhe vinha trazer o vintem do estylo alguma nucaua vistosa, ao dar a vara a beijar segredava um madrigal d'inproviso, uma phrase, garota que fazia sorrir a portadora murmurando ao mesmo tempo.

— Credo! que homem este, até diante do santo!

Dizia-se que Chico Cambraia era tambem grande jogador. Quando se recolhia de pedir, abria em casa o oratorio e convidava Nossa Senhora a jogar com elle o pacáu. Despejava a collecta em uma mesa, sentava-se de um lado, e pondo a imagem de outro, partia com toda seriedade o baralho e punha-se jogar, ora por si ora pela santa. Si acontecia elle ganhar dizia pachorrentamente.

— Tenha paciencia, minha Nossa Senhora, a fortuna não lhe ajudou desta vez. E arrecadava o dinheiro.

Quando porém perdia, tornava sem se desconcertar.

— Ora minha Nossa Senhora, pois eu que sou pobre é que hei de perder? Tenha paciência, não desta vez não valeu. E empunhava nova partida

Assim ia até ganhar *conscientiosamente* metade da collecta, pois a outra metade dizia elle, pertencia-lhe por lei.

De outro pedinte para as almas, conta-se que dera-se tanto ao vício da embriaguez que lhe tiraram a vara e a opa, pelo que ficou sem meios de vida. Vagava pelas ruas, gaudendo dos ex-companheiros, alguns copinhos de aguardente, até que à tarde já muito bebado, encaminhava-se para a rua da Alfandega canto da do Regente, e collocando-se em frente a uma imagem que ali havia em um oratorio de pedra, ainda lá existente, cutabelava numa conversação com a santa, fallando em nome della com a voz muito esgançada.



E começava elle.

— Veja minha Nossa Senhora, veja a que estado estou reduzido, porco, sujo, molambudo e o que é peor sem uma de X. Veja só isto.

Calava-se fictando a imagem com os olhos lacrimosos; e com pouco afinando o vóz o mais que podia replicava.

— Que quer que lhe faça, você não tem juizo, beba menos e compre roupa.

Então baixando a cabeça e cobrindo a cara com as mãos, fingindo-se envergonhado, dizia para o povo que o cercava

— Hi! agora borrou-me ella de verde!

Mas, logo como realquirindo o animo perdido, tornava altivamente.

— Sim bebo, mas não é com o seu dinheiro; seus mesarios tiraram-me a opa e a vara, já não peço para a Senhora, o que peço é só para mim.

E voltando-se para os ouvintes notava chocarreiro, Agora, babeia em de amarello.

Passado um ou dois instantes voltava com a voz esgançada.

— Se lhe tiraram a vara e a opa fizeram muito bem, você tudo quanto apanhava metia na gaveta da venda.

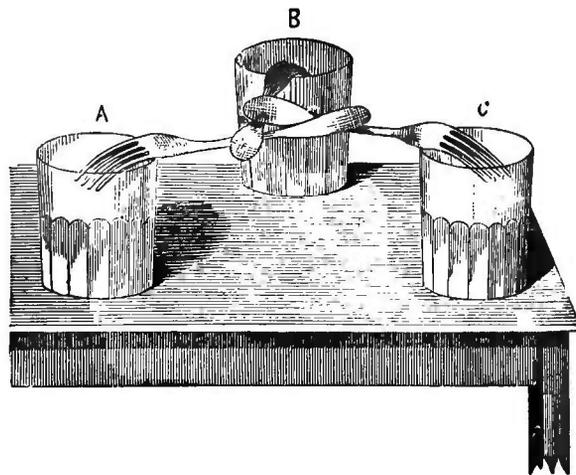
E de novo voltando-se para os circunstantes com feições de envergonhado gemia.

— Ui! que estou perdido! Agora borrou-mo ella de verde

A multidão que ia engrossando a ponto de obstruir todo o cruzamento das ruas ria á bandeiras despregadas; o dialogo continuava cada vez mais animado, e a final o vagabundo exausto de pillherias appellava para o seu publico que o gratificava generosamente, chovendo-lhe no chapeo os vintens com que na venda da propria casa do oratorio acabava elle de emborrachar-se.



DIVERSÕES DE SALÃO



A Ponte de garfos

Com tres garfos levanta-se uma ponte, que põe em comunicação outros tantos côpos.

Para isso, toma-se o garfo A, cujos dentes se apóiam n'um dos côpos, conservando o cabo erguido de maneira a formar com a horizontal um angulo agudo.

Applica-se depois, por igual modo, o garfo C no segundo côpo, accommodando-o pelo cabo debaixo do garfo A; depois, passando pelos dentes o terceiro e ultimo garfo no côpo, que ainda resta, insinua-se pelo cabo—por um lado—debaixo do C, e—por outro—em cima do A.

Os tres garfos acham-se assim ligados entre si, e por fórma tal, que os cabos conservam-se no ar, aguentando-se reciprocamente.

Ter-se-ha a cautela de collocar, previamente, os côpos de modo tal que occupem os tres apices de um triangulo equilateral.